



## O que a periferia nos conta através do funk? *What the periphery tells us through music?*

PEREIRA, Isabella<sup>1</sup>. AKUNE, Monica Miyuki<sup>2</sup>. CAMARGO, Vitor<sup>3</sup>

<sup>1</sup>UFSCar, isabellapereira@estudante.ufscar.br;

<sup>2</sup> CCTS-UFSCar, monicaakune@estudante.ufscar.br; <sup>3</sup> vitorarmando777@gmail.com

### RESUMO EXPANDIDO

#### Eixo Temático: Arte, cultura, comunicação popular e agroecologia.

**Resumo:** Representando a luta popular a partir de reivindicações políticas e estruturais mediante a relatos da realidade dos subúrbios, o gênero funk iniciou seu desenvolvimento por influências norte-americanas e africanas. De forma contrária ao que é comumente visto pela sociedade, o funk permite a possibilidade de promover movimentos de reflexão, ação e transformação frente aos problemas socioambientais. Ao relatar a realidade das periferias, é possível entender a estrutura social e as disputas das políticas ambientais envolvidas. O presente trabalho visa apresentar a contribuição do movimento musical funk na compreensão da realidade de comunidades periféricas, e a conscientização socioestrutural e ambiental, relacionando com as lutas agroecológicas.

**Palavras-chave:** educação ambiental; conscientização socioestrutural; realidade cantada; segurança alimentar.

#### Introdução

O funk se desenvolveu como gênero musical brasileiro a partir de influências norte-americanas e africanas, iniciando no subúrbio carioca através de reivindicações civis pela luta de seus direitos (FREIRE, 2012). Apesar de ser mal visto pela sociedade, carrega em suas letras a realidade da vida, bem como as vivências que compõem a periferia brasileira (LESSA, 2022).

O funk dentro das periferias é além de um ritmo musical, é um movimento, é uma forma de ler o mundo, uma forma de dizer a palavra, uma forma de se pronunciar ao mundo: “Nós estamos aqui. Nós existimos”. O educador Paulo Freire (1989) diz que, “*A leitura do mundo precede a leitura da palavra*”. Isso significa que, além de uma pessoa ser letrada, é importante saber ler o mundo (o seu mundo) o que está a sua volta, os seus problemas, as suas vivências, entender seu contexto social, racial, cultural e de gênero, para que assim faça uma ponte entre a linguagem e a sua realidade.

Como o funk se pronuncia ao mundo? Denunciando as desigualdades sociais, socioespaciais (ambientais), raciais e denunciando as desigualdades de gêneros. E trazendo significados, dando oportunidades para os que vem de dentro (a periferia), seja desde o(a) menor que sonha em ser Mc, até aos trabalhadores que vendem bebidas, salgados e doces nos bailes de ruas.



A criminalização midiática do funk atua na promoção do impedimento do debate socioeducativo e da tentativa de compreender melhor um movimento cultural com grande apelo à juventude urbana brasileira (COSTA, 2014). Como apresentado por LESSA et al. 2022, ao contrário do considerado por grande parte da sociedade brasileira, o funk em seus diferentes subgêneros, pode contribuir de forma significativa para a promoção dos movimentos de reflexão, ação e transformação frente aos problemas socioambientais.

Dessa forma, cantando as “comunidades”, o gênero musical passa ser a voz de uma parcela da população (LAIGNIER, 2011), descrevendo uma situação contemporânea vivenciada e desempenhando um importante papel na representatividade da cultura popular e como movimento político social (MUNIZ e DA SILVA, 2022), assim como a luta da agroecologia, que traz em seu viés transformação coletiva, o respeito ao modo de ser e viver, apontando a luta política pela conquista da terra e da soberania alimentar (MST, 2017). A partir das letras, a música acaba reverberando a conscientização e o sentimento de pertencimento em momentos de descanso e lazer.

O presente trabalho visa discutir o papel educacional e de luta política desempenhado pelo funk a partir da conscientização socioestrutural e ambiental contida nos relatos descritos nas letras, que permitem o reconhecimento da realidade e compreensão da estrutura social ocupada pelas comunidades.

## **Metodologia**

Partindo do pressuposto dos conhecimentos empíricos e realidades vivenciadas pelos autores, foram selecionadas músicas que tratavam da questão alimentar, socioestrutural e ambiental de cantores que fossem referência nas periferias.

Estes MCs relatam suas dificuldades em seus territórios que em forma de letra evidenciam a realidade e a partir dela tentam conscientizar a população, incentivando o poder popular da periferia, encorajando as vozes que muitas vezes são silenciadas pelo Estado.

A experiência do Vitor como MC nascido na Zona Norte de São Paulo permitiu que além do conhecimento e entendimento das letras dos cantores, fosse possível observar as reivindicações aqui tratadas.

Na tabela 1 estão apresentados fragmentos das músicas cantadas pelos MC Daleste, MC Hariel, MC Lippi, MC Paulin da Capital, MC Lemo e MC Gabb, em conjunto com uma análise das discussões reivindicadas acerca da situação de vulnerabilidade social vivenciada, destacando reflexões como a insegurança alimentar, a falta de saneamento básico, a disputa política territorial.



Tabela 1: Músicas analisadas.

MC	Música	Objetivo	Trecho
Daleste	Minha História	Denunciar a falta do saneamento básico, a falta do acesso ao meio ambiente;	"Quando comecei passava mó dificuldade E lá em casa era fora de realidade É revoltante eu sei senti o gosto do veneno Até meus 13 anos de idade não tinha banheiro"
Daleste	Minha História	Denunciar a condição de moradia, a falta de uma estrutura segura, provocando então desastres socioambientais; insegurança alimentar.	"E lá em casa as paredes eram de madeira Lembro como se fosse agora quando abri a geladeira Não tinha nada pra comer e a barriga vazia Acho que posso conseguir aguentar por mais alguns dias  Mas amanhã eu vou pra escola e como na merenda Sábado e domingo é difícil mas a gente aguenta Mas a fome não é nada em relação ao principal Nunca entendi por que nunca tive uma família normal"
Hariel	O Peso da Luta	Denunciar as desigualdades sociais; falta de políticas públicas quais; Degradação ambiental.	"Não tem lazer, não tem cultura e nem um hospital da ora A gente cresce sendo alvo de opressão e raiva A gente trampa pra carai em troca de esmola A gente só ganha atenção quando é na tela do Datena No palco cantando funk ou jogando bola Vocês de graça pra favela, um prato de desgraça Cês é o câncer que destrói a fauna e a flora"
Lipi	set do Wesley Alemão	Denunciar a falta de saneamento básico.	"Na madrugada, nem sentia sono Com aquele cheiro na beira do esgoto"
Paulin da Capital	set do Wesley Alemão	Denunciar a desigualdade socioespacial e a falta de políticas públicas para a comunidade.	"Chega me dar calafrio Lembro do passado, frio e cabuloso À luz de vela e os gato no fio Banho de caneca com água do poço"
Lemos	set do Wesley Alemão	Construções de moradias em áreas inadequadas; falta de políticas públicas para a segurança da população.	"Sonhei que ia ter uma Lamborghini cereja A chuva me acordou levando o meu barraco O desespero da veinha ao ver desmoronado"
Gabb	set do Wesley Alemão	Denunciar a insegurança alimentar.	"Vizinha, Tia Cida A partir de agora, cês pode ficar tranquila Não vou mais roubar sua alma, de chegar com meu potinho Fazer carinha de dó, pedindo um pouco de comida"

Fonte: Elaborado pelos autores.



## Resultados e Discussão

O funk é além de um ritmo musical ou um estilo, é uma forma de pronunciamento ao mundo, é um dizer da periferia. As músicas apresentadas na tabela 1 se relacionam sobre a falta de direitos, entre eles, do saneamento básico, da moradia segura e da insegurança alimentar.

O funk para quem é da periferia toca de um jeito diferente: E a gente quando ouve, além de pensar sobre a letra, aquilo ali está tocando nossas emoções, nas nossas memórias, nossos sentimentos... Existe uma conexão ali, sentimental, espiritual, talvez, que não existe com quem não está nessa realidade (Barbosa, 2020. p. 07).

Mc Daleste apresenta em sua letra, sobre a falta do acesso a um banheiro em sua casa, o Mc ressignifica também o sentido da escola em sua vida, a qual deveria ter o seu papel fundamental na formação acadêmica, passa a ser o seu refúgio: a sua única forma de segurança alimentar.

O Mc Hariel denuncia a falta do acesso ao lazer para a periferia e até mesmo a falta de um hospital para os moradores. Ficando evidente o descuido do governo com a população, que em muitas das vezes, já não contam nem com o acesso ao saneamento básico, o que resulta disso é, a população adoecida. No Brasil, entre os anos 2000 e 2011, foram notificados 33 milhões de casos infantis com a doença de diarreia:

A ocorrência da diarreia é determinada pela suscetibilidade do organismo infantil e pelo grau de exposição à bactéria essencialmente condicionados pelo acesso a água tratada, saneamento básico e estado nutricional da criança. (Meneguessi et al, 2015). A agroecologia quanto à luta social, que carrega em seus fundamentos a garantia de segurança alimentar e saúde da população, além do empoderamento da juventude no campo, deve ser representada também nas periferias urbanas, pois o deslocamento populacional está relacionado à falta de oportunidades e dificuldade de acesso ao básico. A dificuldade de acesso a alimentos, escolas e hospitais fazem com que as pessoas precisem se mudar em busca de melhores oportunidades de vida.

Mc Paulin da Capital aborda sobre as condições da falta de energia: “À luz de vela e os gato no fio... Banho de caneca com água do poço”. Na periferia é muito comum vermos “os gato no fio”, que é uma forma “clandestina” de ligação direta na rede de energia elétrica fazendo assim a distribuição para as casas, como observado pelos autores, em municípios próximos ao de Sorocaba, há locais que acabam realizando os “gatos” como única forma de fornecimento de energia elétrica, mesmo que precário, pois as companhias fornecedoras não chegam a estes locais.

Mc Lemos, fala em sua letra sobre sonhos, qual almejava um automóvel de luxo, mas que no fim, fora do seu sonho, sua realidade era outra: a chuva que cai e provoca deslizamento de terra e leva sua moradia.



Em todas as letras analisadas, o funk vem como denúncia da falta do acesso ao básico e a falta ao direito à qualidade de vida e os reflexos do meio ambiente em seu cotidiano devido às localizações geográficas. Refletindo sobre isso, o autor deste artigo e também Mc, vulgo (Mc Vitor), traz em uma de suas letras sobre essas questões:

“A chuva é tão boa, nós precisamos dela, porém quando chove demais tem deslizamento de terra, isso virou problema para o povo da periferia, que sempre corre o risco de perder a moradia(...) Então vou te falar, vamos cantar alto para o sistema escutar - Parem de destruir a nossa natureza, o nosso país é cheio de beleza, porém nas comunidades estamos abandonados, nas margens da sociedade sem ajuda do Estado”.

De forma a driblar as denúncias apresentadas nas músicas dos MC's, a agroecologia vem apresentando alternativas quanto a soberania e segurança alimentar, incentivando a implementação de hortas comunitárias, aproximação das pessoas com a terra e o cultivo de alimentos, reduzindo a logística deles, o rearranjo na distribuição de terras e, conseqüentemente a redução na exposição das pessoas às intempéries ambientais.

## Conclusões

O funk é uma linguagem, uma representatividade, qual resgata a auto estima da periferia, sustenta família, nos ajuda na construção do pensamento crítico e não silencia as injustiças sociais. Assim como a agroecologia, o funk é uma prática social, uma expressão, uma construção de vivências e sentimentos. Sentir a música é se sentir representado, sentir que tem voz, que tem espaço e que não está só.

Para finalizar a reflexão, é importante que a seguinte questão seja feita e que encoraje mais trabalhos acerca do tema: Por que o funk incomoda mais do que a falta de direitos? Por que o funk é ainda visto como cultura inferior?

## Referências bibliográficas

COSTA JR, Reinaldo Vicente da. Uma escola (por) minorizada: entre a escolarização, os “proibidão” e a busca pelo “mundão” na internação socioeducativa. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 8, n. 3, p. 291-315, 2014.

COUTINHO, Paulo Roberto de Oliveira; ROCHA, Inês de Almeida. “Funk não é música”: faces da diferença, diversidade e discriminação. **OPUS**, v. 27, n. 3, p. 13, 2021.

FREIRE, Libny Silva. Carioca por Cariocas Uma análise da representação do funk nos jornais O Globo e O Dia. In: **CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE**. 2012.



FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. Alfabetização leitura do mundo leitura da palavra. 4. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. 167 p.

LAIGNIER, Pablo. Funk carioca revisitado: alguns apontamentos para uma economia política do gênero. **Lumina**, v. 5, n. 1, 2011.

LESSA, Ingrid Medeiros; GOMES, Isaias Costa; DE FREITAS, André Luis Castro. O funk como um gênero musical visto com os maus olhos pela sociedade:: por outro lado, como aliado da Educação Popular e Ambiental. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 39, n. 1, p. 307-327, 2022.

MC Daleste **Minha História.** Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-daleste/minha-historia/>. Acesso em: 10 jun de 2023.

MC Gabb; Lele; Lemos; Lipi; Paiva; Pedro; Ryan Lipi, Paulin da Capital, Lemos, **Set Wesley Alemão.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eCcyXxvkLDk>. Acesso em: 10 jun de 2023.

MC Hariel et al. **O Peso da Luta.** Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=b7\\_aOzDaSY](https://www.youtube.com/watch?v=b7_aOzDaSY). Acesso em: 10 jun de 2023.

MST. site. Agroecologia: uma luta em defesa da vida. Disponível em: <<https://mst.org.br/2017/09/29/agroecologia-uma-luta-em-defesa-da-vida/#:~:text=Por%20outro%20lado%2C%20a%20agroecologia,terra%20e%20da%20soberania%20alimentar>>. Acesso em: 28 jun de 2023.

MUNIZ, Bruno; DA SILVA, Marcos Antonio Batista. Os usos do funk na educação antirracista: pensando o poder da música. **EccoS-Revista Científica**, n. 61, p. 21819, 2022.

MENEGUESSI, Geila et al. Morbimortalidade por doenças diarreicas agudas em crianças menores de 10 anos no Distrito Federal, Brasil, 2003 a 2012.

Disponível em: [http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-49742015000400014](http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742015000400014). Acesso em: 8 jul 2023.

TORRES, Thiago; BARBOSA, Thiago. A Favela não só fala, mas ouve também! A voz de dentro na descrição sonora. **Anais do Encontro Internacional de Música e Mídia**, v.16, 2020.

COUTINHO, Tamires. cai de boca no meu b\*c3t@o - **o funk como potência do empoderamento feminino**. São Paulo: Claraboia p. 160, 2020.